

impresso

SISTEMA FAEP



Mala Direta Postal
9912152808/2006-DR/PR
SENAR
CORREIOS

BOLETIM informativo

www.faep.com.br | www.twitter.com/SistemaFAEP

Ano XXV | nº 1113 | 20 a 26 de setembro de 2010

Tiragem desta edição: 24.000 exemplares

TRIGO FAEP com recurso no STF



pág 11

HISTÓRIA | PÁG 02



Witmarsum

» A epopeia dos menonitas



2

Capa

Witmarsum



Arquivo



10

Café

Ajuste na tributação

11

Trigo

Recurso no STF

12

SENAR-PR

Primeira turma do Brasil

15

Sindicato

O modelo de Palmeira, a cidade clima

16

Via Rápida

A imprensa, a "turma fogo", a preguiça, os depressivos e o gorila

18

Cursos SENAR-PR

Mulher Atual, Piscicultura, ITR, ADA, Casa em Ordem e JAA

20

Vazio sanitário

Já dá para plantar



Fernando dos Santos



22

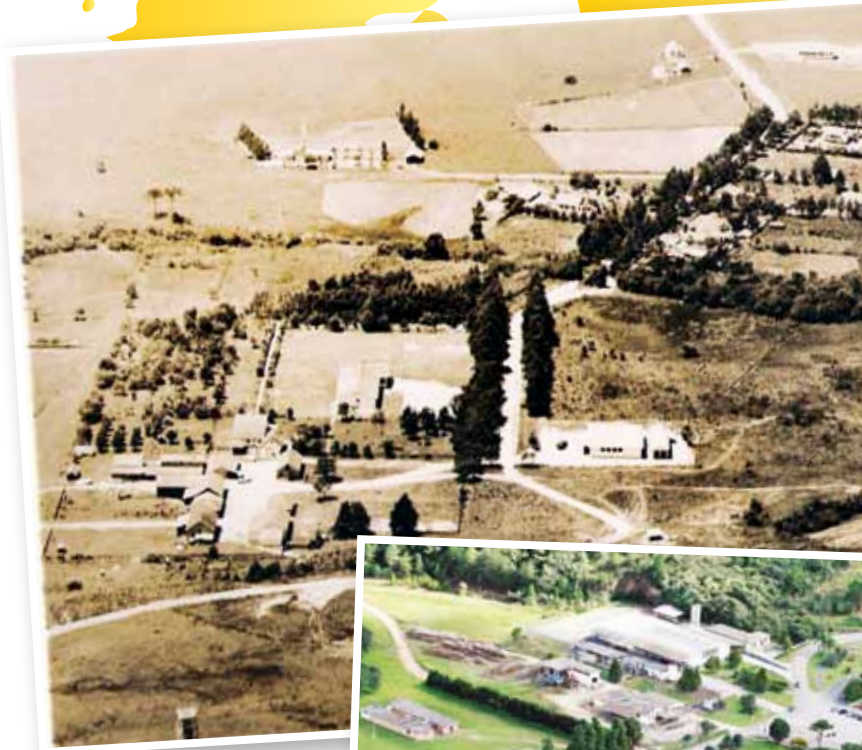
Sindicão

O aniversário do jornal virtual

por Christiane Kremer (texto) e Lineu Filho (fotos)

Sitiada por duas rodovias federais (BR 277 e 376), a Colônia Witmarsum, no município de Palmeira, a 60 quilômetros de Curitiba tem a simbologia do cooperativismo e do empreendedorismo rural bem sucedida. O esforço e obstáculos enfrentados até que se instalassem no segundo planalto paranaense são dignos de roteiro de cinema, regado a perseguição religiosa, sofrimento, fuga e, claro, final feliz da leva de imigrantes alemães menonitas. Seguidores do ex-sacerdote católico Menno Simons, nascido em 1496 numa cidade holandesa chamada Witmarsum, os menonitas foram perseguidos desde seu surgimento. A ideologia pacifista e a crença de que o batismo deveria ser feito na fase adulta, desencadeou perseguições religiosas e a fuga constante desse povo.

Da Suíça, Holanda, Alemanha e Prússia, foram para o sul da Rússia, uma região de estepes, onde cultivaram trigo. Após 100 anos, a escassez de terras para manter a agricultura e a obrigatoriedade do serviço militar, desencadeou uma nova fuga. Cerca de 20 mil menonitas deixaram a Rússia, rumo ao Canadá e Estados Unidos. Foram quase cinco séculos em busca de liberdade de crença religiosa e paz para trabalhar no campo. A partir da Re-



Transformação na Colônia Witmarsum: fruto da união e trabalho dos menonitas

Fotos históricas: arquivo Witmarsum



Witmarsum

Da fuga da Europa aos Campos Gerais, a difícil, mas vitoriosa trajetória dos menonitas

volução Russa de 1917 e ascensão do comunismo, a situação dos menonitas ficou mais agravada e muitos começavam a perder suas terras. Dessa vez, não só a ideologia e a crença estavam ameaçadas, mas a integração socioeconômica. Dos 6 mil refugiados que saíram da Rússia, com a ajuda da Alemanha, estavam os descendentes menonitas daqueles que, anos mais tarde, formariam a colônia em Palmeira, a cidade clima do Brasil.

A Colônia Witmarsum é tomada por detalhes que comprovam suas raízes germânicas. São ca-

sas típicas do interior da Alemanha, com jardins floridos à frente e aos fundos toda a estrutura para a pecuária e lavouras que se perdem no horizonte. Formam um conjunto de uma “cidade rural”, com todos os serviços para a população de pouco mais de 2.500 pessoas. Tudo concentrado ao redor de uma cooperativa, que numa espécie de centro, reúne mercado, banco, correio, farmácia veterinária, escola, igrejas e agroindústrias para beneficiar os produtos cultivados pelos colonos. O que não falta ali é qualidade de vida.

As residências de Witmarsum conservam o estilo germânico

“É, minha vida foi fadiga e trabalho

(Ja, mein Leben war Mühe und Arbeit)”

A trajetória

A chegada dos menonitas ao Paraná não foi tão fácil, nem tão pouco imediata. As lembranças de alguns dos pioneiros, em Palmeira, comprovam isso. **Melita Nikkel**, de 86 anos, é uma delas. Mesmo sendo criança na época, guarda na memória o semblante triste da mãe. “Ela estava preparando um volume enorme de torradas. Muito mais do que era feito diariamente. Achei estranho, mas como era muito novinha não conseguia assimilar que se tratava de uma fuga”, conta.

Em 1930, o Brasil, Paraguai e novamente o Canadá abriram suas portas para os refugiados. A família da pioneira Melita foi para o Chaco paraguaio e só se estabeleceria no Paraná 22 anos mais tarde. Os 1.245 menonitas que vieram ao Brasil enfrentaram uma viagem de navio durante 17 dias. Chegaram ao Rio de Janeiro e de lá, foram para Santa Catarina, onde estaria o lugar definitivo para o recomeço da vida e a retomada da liberdade.

O local, cedido pela Companhia Hanseática de Colonização era no Vale do Rio Krauel, a oeste do município de Ibirama. Uma região de florestas, montanhas e clima tropical, bem diferente das prada-

SEGUE >>>>>>



rias russas, de clima temperado. Na nova terra, teriam que trocar a tecnologia agrícola utilizada nas estepes pela enxada e o machado.

Mesmo com a bela paisagem catarinense, a dificuldade para manter a agricultura, vocação daqueles menonitas, resultou numa nova busca por terras. Em 1934, muitos foram para Curitiba, estabelecendo-se nos bairros do Xaxim e Boqueirão e em regiões da capital onde

era possível a criação de gado leiteiro. Lá fundaram a Cooperativa de Laticínios Clac. Outro grupo foi para o Rio Grande do Sul.

Aqueles que ficaram em Santa Catarina não tardaram para procurar novas terras. Em 1951, o destino foi o município de Palmeira. Região onde, enfim, fixaram-se e deram início ao trabalho de sol a sol e de domingo a domingo. Os resultados são bem perceptíveis na Colônia.

A sonhada Fazenda Cancela

Um pulinho pela história de 480 anos dos menonitas até sua chegada ao Paraná, já é suficiente para afirmar que moleza nunca esteve no vocabulário deles. A frase de uma das pioneiras nos Campos Gerais, registrada no livro “Witmarsum em Quatro Décadas”, de 1991, resume isso. **Eva Renpenning** disse em alemão: “Ja, mein Leben war Mühe und Arbeit” (É, minha vida foi fadiga e trabalho). Fadiga, trabalho e sucesso, diria Eva se visse a transformação da colônia atualmente.

Para Palmeira vieram 70 famílias de Santa Catarina e outras 15 do Chaco paraguaio, escapando do calor intenso e das doenças que se espalhavam por lá. Com recursos próprios e ajuda do Comitê Central dos Menonitas da América do Norte, adquiriam, em junho de 1951, a Fazenda Cancela do senador Roberto Glaser. De porteira fechada, os 7.800 hectares da fazenda foram divididos entre as famílias. Um modelo de “reforma agrária”, quando ninguém falava nesse tema.

Em uma terra mais propícia à agricultura, os colonos recomeçaram o trabalho. A sede da Fazenda serviu de abrigo para as primeiras famílias, até que iniciassem a construção de suas casas. Muitas foram construídas com as madeiras das residências desmontadas em Santa Catarina.

Em paralelo à construção das casas provisórias - que tempo depois se transformariam nas belas residências de alvenaria ao estilo alemão - os novos moradores da Fazenda Cancela trataram de colocar a mão na terra. Começaram com o cultivo de melancia. Plantavam, colhiam e vendiam na beira da estrada.

Os pioneiros lembram que a primeira cultura rendeu um bom dinheiro para os colonos. “O terreno arenoso era bom para o cultivo da melancia. Foi um bom dinheiro para o começo”, recorda **Wilhelmm Koop**, morador de Witmarsum há 54 anos. Muitas famílias compraram tratores, pagaram contas. O sucesso com a fruta era tanto, que até tentaram levar uma carga para venda no Rio

de Janeiro, mas a logística da época não favorecia o comércio. “Levava de seis a sete dias para chegar ao destino”, conta o pioneiro. Além do tempo, a condição das estradas também era um problema e a fruta não aguentava o ‘tranco’ da viagem.

Nos cinco anos seguintes de vida na Fazenda Cancela, a população da colônia já havia dobrado. E os frutos do trabalho se mostravam na fundação da Cooperativa Mista Agropecuária Witmarsum Ltda, para coordenação da produção da colônia; no início da plantação de grãos e no investimento nas primeiras cabeças de gado leiteiro - economia que move a colônia atualmente.



Amor pelo leite

As primeiras cabeças de gado leiteiro chegaram a Witmarsum em 1966. De raça holandesa, as vacas foram trazidas do Uruguai e compradas por meio do primeiro empréstimo da cooperativa feito no Banco do Brasil (onde o número da conta da cooperativa no BB é 28). A compra foi um marco na economia da colônia, que passou a se dedicar à produção leiteira. Quem vive próximo ao município de Palmeira, nas regiões de Curitiba, Campo Largo, Ponta Grossa, deve se lembrar dos pacotinhos de leite Cancela, comercializados nos supermercados. Atualmente, a marca do leite pasteurizado carrega o nome da própria colônia. Dos 75 mil litros descarregados diariamente na cooperativa, 30% vão para a pasteurização, 10% para a produção de queijos finos e o restante é vendido para o mercado spot, como a Kraft Foods.

Um programa de qualidade do leite específico de Witmarsum garante o diferencial do produto. Aplicado desde 1984, o PWQL (Programa Witmarsum para a Qualidade do Leite), procura obter a saudabilidade máxima do leite. Isso se dá através do monitoramento constante dos parâmetros pré-estabelecidos de controle (como contagem de células somáticas e bacteriológicas) e de procedimentos operacionais dentro de cada propriedade. Entre os benefícios, além da qualidade superior, os produtores que cumprem as metas do programa recebem um adicional no valor pago pelo litro do leite.

“O programa é um desafio e incentivo para o produtor primar pela qualidade”, avalia o pecuarista **Marcos Epp**. Representando a terceira geração da família que se instalou em Witmarsum, sua propriedade é responsável por 10.500 litros de leite do total que chega à cooperativa todos os dias. Quem começou o negócio leiteiro foi o avô.



Dos pacotinhos de leite Cancela para a produção de 75 mil litros por dia



O pai, Marvin, acompanhou a empreitada e em 1967 já contavam com 15 vacas em lactação e se preparavam para importar mais algumas bezerras.

Marcos, que hoje está com 38 anos, assumiu gradualmente a produção. Fez colégio agrícola, veterinária e voltou para a colônia a fim de implantar novas técnicas. Hoje, a propriedade tem 760 animais, destes 360 são vacas em lactação. A estrutura para a criação dos animais é de tirar o chapéu. A ordenha é canalizada e as vacas de leite têm um barracão de confinamento, onde dormem, descansam e comem.

“Nós temos uma visão aberta à tecnologia e buscamos novas técnicas até fora do país para aplicarmos na propriedade e termos um aumento na produtividade”, conta Epp. Os resultados disso podem ser vistos atualmente. Uma nova instalação para abrigar mais 200 vacas em lactação está sendo construída. “A estimativa é aumentar o volume de leite para 15 mil litros/dia”, antecipa.

* O SEGREDO DE WITMARSUM

Analisando os números que permeiam a Colônia Witmarsum hoje, não é raro que se pergunte: qual o segredo para o sucesso? A resposta está na ponta da língua do diretor gerente da cooperativa, Jefferson Ferst Vieira. “Vontade de fazer”, dispara. E é fato. Após quase 60 anos de fundação da colônia, a cooperativa reúne 310 associados, dos quais 118 são ligados à produção de leite. Todos os dias chegam à fábrica de laticínios da cooperativa, cerca de 75 mil litros. Na parte de grãos, os produtores de Witmarsum investem na soja, cultivada ao longo de 4 mil hectares; no milho como rotação de

cultura; milho silagem; trigo e pastagens de inverno e verão.

Para agregar valor aos produtos, a cooperativa mantém, além da fábrica de laticínios, a indústria de rações para aves, bovinos, equinos e suínos (são 30 tipos diferentes); óleos finos; beneficiamento de sementes. Além de todos os serviços de apoio aos proprietários, como crédito, insumos, armazenagem, assistência técnica, supermercado, farmácias (humana e veterinária), serviços de inseminação artificial. “Ou seja, abordamos toda a cadeia produtiva: do campo à mesa do

produtor”, resume o gerente.

Recentemente, a cooperativa abriu uma nova frente. Está investindo na canola, como cultura de inverno. Já são mais de 600 hectares plantados e, em pouco tempo, lançarão no mercado o óleo extra virgem extraído a frio - técnica que mantém os nutrientes ativos no produto.

Toda a estrutura da cooperativa se espalha ao longo de 19 hectares, ao centro da colônia. É como se fosse o ‘coração’ de Witmarsum. Numa extensão de 18 quilômetros, a partir da cooperativa, estão as propriedades que medem, em média, 40 hectares.

QUEIJOS CURADOS



Appenzeller



Emmental



Raclette



Fondue

QUEIJOS FRESCOS



Minas Frescal



Ricota Fresca

QUEIJOS SEMIMOLES



Asiago



Colonial Natural



Colonial Pimenta Verde



Reblochon

QUEIJOS MATURADOS POR FUNGOS



Camembert



Brie

Queijos finos: a nova paixão

A dedicação do produtor com a qualidade do leite pode ser sentida no sabor dos 12 tipos de queijos finos produzidos em Witmarsum. “Tanto é que vamos utilizar a frase ‘Amor pelo leite’, como slogan dos produtos de laticínio”, revela Jefferson Ferst Vieira, diretor gerente da cooperativa.

A expertise na produção de queijos é antiga, data da década de 60. Mas a ideia de agregar maior valor ao produto com a fabricação dos queijos finos começou em 2002. Para criar as condições necessárias à implantação da nova produção e garantir a solidificação no mercado, contaram com a experiência do mestre queijeiro suíço Josef Lotscher, e investiram cerca de R\$ 3 milhões. “Os cooperados bancaram os primeiros anos. Mas foi o diferencial escolhido para nossa produção”, comenta Vieira.

Para se fazerem conhecidos no mercado, a estratégia foi colocar o produto em diversos pontos de venda. A própria colônia se mostrou como um grande mercado: a variedade de queijos é encontrada nas confeitarias, cafés coloniais e mercados locais. Atualmente, as 20 toneladas produzidas por mês, abastecem mercados em todo o Paraná e concorrem, à mesma altura, com produtos semelhantes vindos da Europa - como Brie e Camembert, queijos maturados por fungos de origem francesa.

Na unidade de produção, trabalham 30 funcionários. O mestre queijeiro é o responsável pela normatização da produção. “O queijeiro é um artista. Ele tem toda uma preocupação para que os queijos saiam bem, pois como se trata de uma matéria-prima viva, tudo pode interferir e modificar o sabor”, explica Vieira. E a dedicação precisa ser grande mesmo. Alguns queijos exigem maturação de até seis meses, como é o caso do curado appenzeller.

Além dos olhos atentos do mestre, um rigoroso controle de qualidade envolve a produção. Análises laboratoriais diárias, fiscalização dos postos de coleta de leite e o programa de qualidade da cooperativa, garantem o diferencial dos queijos finos produzidos em Witmarsum. A cooperativa também investe em cursos para qualificar os funcionários e formar novos queijeiros.

* CURIOSIDADE

Witmarsum é uma cidade da Frísia, na Holanda. “Witmar” é um nome próprio frisio e quer dizer “o famoso das florestas”. “Sum” significa “chácara”. Portanto “Witmarsum” seria “Chácara do Witmar” ou “chácara do famoso das florestas”.

* ESSA HISTÓRIA DAVA UM FILME!

Marcos de
Witmarsum



A compra da fazenda: abaixo, à esq., dona Ivete e o senador Roberto Glaser

Pilares de Witmarsum

MOVIDOS PELA EDUCAÇÃO

A educação como um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento de uma sociedade é algo levado a sério na Colônia Witmarsum. Um ano após sua instalação na Fazenda Cancela, já haviam fundado a primeira escola, o Colégio Fritz Kliewer, que permanece até hoje. Em um prédio que funciona ao lado da sede da cooperativa, o colégio mantém turmas particulares de educação infantil. O ensino fundamental e médio é público. Nas aulas de educação infantil, os pequeninos são alfabetizados em alemão. As outras séries também aprendem o idioma nas aulas de língua estrangeira.

A administração da escola, bem como das estradas internas, cemitério, museu, lazer, esporte, cultura e religião, ficam a cargo da Associação Comunitária dos Moradores Proprietários de Witmarsum. O presidente da Associação, Pastor Anselmo Heimbecher Osório, destaca a qualidade do ensino. “O Colégio Fritz Kliewer obteve a melhor média do município de Palmeira no último Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)”, conta. No total, 400 alunos estão matriculados na escola.

O EDUCADOR

A relação dos menonitas com a educação dos filhos está bem guardada na memória de **Peter Pauls**. Quando ainda morava com a família em Santa Catarina, os pais lhe deram uma missão de responsabilidade: iria estudar fora e voltaria para ensinar os outros dez irmãos e as demais crianças da comunidade. Com 15 anos, Peter foi para o Rio Grande do Sul estudar no Instituto Pré-Teológico de São Leopoldo. Toda a comunidade ajudou no financiamento dos estudos. Voltou em 1956, quando a família já estava em Witmarsum e, a partir daí, iniciou sua missão de educar.

“Éramos quatro professores. As aulas aconteciam em barracões improvisados e as crianças vinham de longe para estudar, caminhavam quilômetros”, lembra. Segundo Peter, mesmo com as dificuldades financeiras enfrentadas pelos colonos nos primeiros anos, a educação dos filhos era prioridade. Por ter nacionalidade brasileira, ele foi o primeiro professor da colônia nomeado pelo Estado.

Com a educação dos filhos e da comunidade garantida, o pai de Peter tratou de dar outro recado ao filho: “Você vai para a faculdade”. E lá começou mais uma jornada para o jovem. De manhã era professor e à tarde corria a cavalo por seis



O primeiro templo e as construções atuais

quilômetros para chegar à estrada e pedir carona até o mais próximo possível da antiga Universidade Católica do Paraná, em Curitiba. Formou-se em Letras Germânicas e até hoje inspira os jovens de Witmarsum na continuidade dos estudos. “Oitenta e cinco por cento dos que terminam os estudos na colônia vão para a academia e se formam em várias áreas”, comemora o educador.

RELIGIÃO PARA TODOS

Sem dúvida a religião é uma das principais forças motoras da colônia. Foi pela crença que se aventuraram mundo afora e mantiveram a união entre os imigrantes. Em Witmarsum, a religião menonita é baseada em duas denominações: Igreja Irmãos Menonitas e Igreja Evangélica Menonita. As duas funcionam em templos separados, com cultos, serviços e doutrinas diferentes. “Mas convivem em perfeita harmonia”, explica o Pastor Anselmo Heimbecher Osório, presidente da Associação de Moradores.

Pela presença cada vez maior de funcionários que moram nas propriedades, templos de outras religiões foram construídos na colônia. “Todas as crenças são respeitadas e atendidas”, explica o Pastor. Seis igrejas estão instaladas em Witmarsum, entre as quais a Luterana, Assembléia de Deus, Igreja Católica e a 2ª Igreja Evangélica Menonita, onde o culto é em português.



Visita ilustre do presidente general Ernesto Geisel



E dá-lhe melancia...



Enfim o leite!



Enfim o queijo!

História viva

No Museu Histórico de Witmarsum, a história é literalmente viva. A recepção do local, que guarda as lembranças da comunidade desde a fuga da Rússia até a chegada à Palmeira, é feita por uma senhorinha simpática chamada **Lena Harder**. Hoje com 81 anos, Lena foi uma das pioneiras a habitar a Fazenda Cancela e presenciou todos os marcos da evolução da colônia. Estava até no caminhão que tentava transportar uma carga de melancia até o Rio de Janeiro, quando esta ainda era a única atividade lucrativa dos colonos.

É ela quem acompanha os visitantes em todos os cômodos do museu e, mesmo com o forte sotaque alemão, narra a história de seus antepassados e explica como funcionam alguns objetos utilizados pelos antigos. Como dois pedaços de madeira improvisados para passar roupas.

O museu funciona na antiga casa sede da Fazenda Cancela, que serviu de abrigo para os pioneiros e também onde funcionou o primeiro hospital da colônia. O local conserva retratos, documentos, utensílios, roupas, móveis e obras do artista pintor Johannes Janzen. Todos doados pelas famílias dos pioneiros. Alguns móveis expostos no museu pertenciam ao senador Roberto Glaser.



LEMBRANÇA:
o garfo remendado revela a dificuldade dos primeiros anos



CAMINHÃO CARREGADO: o destino é o Rio de Janeiro

» No último dia 18, os menonitas comemoraram 80 anos de imigração no Brasil.

NOVAS GERAÇÕES

A sucessão familiar é um problema em Witmarsum. As novas gerações acabam não ficando na colônia, pois não há terra suficiente para abrigar a todos. “É claro que sempre haverá um ou dois filhos para cuidar da propriedade, mas não todos”, diz o presidente da cooperativa **EWALD WARKENTIN**. A solução para isso começou a ser buscada já em 1981, quando a cooperativa investiu no assentamento dos jovens agricultores. Fundaram a Colônia Primavera, também em Palmeira, e a Fazenda Sinuelo, no município de Balsa Nova.



TURISMO RURAL

Um dia será pouco para aproveitar todos os atrativos que a Colônia Witmarsum oferece para os visitantes. Além de encher os olhos com as belas paisagens e a estrutura da colônia, o turista tem à disposição as delícias típicas alemãs, preparadas no melhor estilo caseiro. O dia pode começar com uma caminhada pela área central da colônia, onde fica localizado o museu histórico. Na sequência, pode observar as estrias glaciais (sulcos e cristais impressos nas rochas, formados há mais de 300 milhões de anos pelo movimento de massas de gelo). Depois uma parada para o almoço. Nessa etapa o turista terá muitas dúvidas. Restaurante que serve os típicos eisbein (joelho de porco), salsichões e purê de maçã, é o que não falta. Para o lanche da tarde os cafés coloniais e a famosa Confeitaria Kliewer são as opções. Se a ideia é pernoitar, na colônia também há pousadas. Conheça algumas opções:

- » Museu Histórico de Witmarsum: visitação agendada | (42) 3254-1453
- » Confeitaria Kliewer: aberta todos os dias | (42) 3254-1278
- » Restaurante e Pousada Bela Vista | (42) 3254-1442
- » Pousada Siebert | (42) 3254-1306
- » Restaurante Bauernhaus | (42) 3254-1112
- » Chácara Beija-Flor (produ o e comércio de Champignon) | (42) 3254-1103

Confira mais no site www.acmpw.com.br/turismo/

Um Código que ameaça quem produz e preserva

O exemplo de Witmarsum como área consolidada

Toda a trajetória dos menonitas, cheia de fugas, perseguições, luta e trabalho, para conseguirem se fixar em uma terra livre e propícia para a vida, deveriam entrar na agenda de ONGs e ambientalistas radicais. A estrutura econômica e social vista na Colônia Witmarsum são provas vivas de que o trabalho dos imigrantes foi árduo, mas compensador. Porém, após 60 anos de fundação da colônia, pairam as sombras do Código Florestal Brasileiro.

Se o projeto Lei nº1876/99 relatado pelo deputado Aldo Rebelo numa Comissão Especial presidida pelo paranaense Moacir Micheletto, e que modifica o Código Florestal, não for aprovado, e a legislação ambiental ficar como está, a vida em Witmarsum estará comprometida. Hoje, a colônia ocupa uma área total de 11.428 hectares, dos quais são explorados economicamente 7.721 hectares (67,56%). Quase 4 mil hectares, ou seja, 32% da área, não são utilizados para atividades pastoris ou agrícolas por se tratarem de regiões de vegetação nativa, topografia acidentada e afloramento rochoso.

A cooperativa defende que as áreas consolidadas sejam mantidas. “Não podemos ter um prejuízo direto. Ninguém quer ser o lobo mau da história, mas tem coisas que fogem do razoável. O produtor não está fugindo de suas responsabilidades, mas não quer assumir todo o ônus da preservação ambiental. Hoje é isso que está acontecendo, tudo está caindo sobre a área rural”, defende o gerente da cooperativa **Jefferson Ferst Vieira**.

Sentindo na pele

Quatrocentas e vinte famílias vivem na colônia atualmente e dependem de forma direta e indireta da agricultura e pecuária desenvolvida em Witmarsum. “Nós temos consciência ambiental, fazemos plantio direto, controlamos quaisquer sintomas de erosão. O plantio direto, por exemplo, foi implantado pelos próprios agricultores da colônia e se não tivéssemos adotado essa forma de manejo do solo em

um terreno arenoso como o nosso, já não teríamos mais nada”, explica **Artur Sawatzky**, nascido na Colônia, e que trabalha com pecuária de leite, frango de corte e agricultura para colheita e silagem.

Para ele, não é pertinente que o Código seja único para todas as regiões do Brasil. “Estamos há 60 anos na colônia. Desde que chegamos aqui as questões ambientais só têm melhorado, junto com a produção. Estamos conseguindo aliar as duas coisas. Porém, não é pertinente ter um código que legisle de forma igual num país tão diverso, em que um estado apresenta regiões completamente diferentes”, defende o pecuarista.



VIEIRA: “ninguém é lobo mau”

SAWATZKY: Código único para o Brasil?





O SABOR DO PRÓPRIO CAFÉ

Curso de Degustação do SENAR-PR dará condições para produtor avaliar seu produto antes da venda

A partir de outubro, cafeicultores de todo o Estado terão uma ferramenta a mais para impulsionar os negócios. O SENAR-PR incluirá em sua grade regular, o curso de Degustação de Café

(Classificação por Tipo de Bebida), um aperfeiçoamento ao existente curso de Processamento e Secagem. Esse último será pré-requisito para participar do novo curso.

A ideia não é a formação de degustadores, mas dar condições para que o produtor rural avalie seu produto ainda na propriedade. “Ele poderá identificar através do sabor, os defeitos em determinada seleção de grãos e

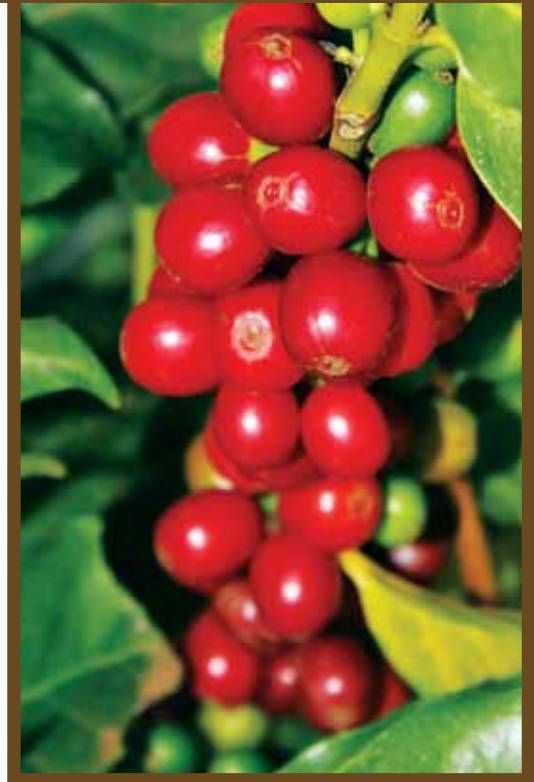
verificar o grau de influência na bebida”, explica engenheiro agrônomo do SENAR-PR, Johnny Fusinato Franzon.

Segundo Franzon, a ideia de implantar a prática da degustação antes da venda evita a depreciação exagerada do produto por parte do comprador. “O produtor terá feito os testes e poderá negociar o café com mais propriedade”, diz. A previsão é que o curso tenha a duração de três dias.

FAEP pede ajustes na tributação do café

Alterações no ICMS nas vendas interestaduais e crédito para mecanização

Os últimos 10 anos da cafeicultura paranaense formam o retrato de uma profunda crise, causada por sucessivos prejuízos e consequente fuga da atividade. A redução dos cafezais na última década foi de 44% e hoje o Paraná compra 1 milhão de sacas para alimentar suas indústrias. Em 2009 o Paraná colheu 82,5mil ha, área insuficiente para manter a estruturação da cadeia do café. Nesse ano, segundo a CONAB, o Brasil produziu 40 milhões de sacas de café em nove Estados que apresentam modelos tecnológicos bem diferentes, logo com os custos de produção muito díspares. Enquanto no Paraná o custo de uma saca de arábica gira em torno de R\$ 355 (elevado principalmente pelo alto uso de mão de obra) na Bahia (onde predomina o sistema mecanizado) é R\$ 250. Em razão da erradicação houve redução de compradores de café, com manipulação dos preços. Consta-se uma defasagem de 15% entre o preço recebido pelos produtores paranaenses em comparação aos mineiros para o mesmo tipo de café. O Governo estadual pode resolver parte desses problemas ajustando as regras tributárias, pois mesmo estando em um regime de recolhimento diferido, os produtores sofrem descontos na venda do seu produto.



Arquivo

Diante disso, a FAEP encaminhou às Secretarias da Fazenda e Agricultura do Paraná uma solicitação com o seguinte teor:

- 1 Conceder crédito presumido de 11% para operações de venda interestadual de café em coco e beneficiado, permitindo que o produtor tenha acesso a outros mercados fora do Paraná, tornando o produtor mais competitivo do que se for atender somente ao mercado interno;
- 2 Facilitar a compensação de créditos de ICMS para compra de máquinas para incentivar a mecanização das lavouras uma vez que a escassez e o custo com mão de obra são o principal gargalo da atividade;
- 3 Realizar a cobrança de ICMS sobre as vendas interestaduais pelo valor da operação e não pelo Valor de Pauta, pois o atual modo de cobrança (calculado pela média de preços dos portos) é muito maior do que o preço realizado no Paraná.

Preço mínimo do trigo

FAEP recorre contra decisão do STJ em negar liminar sobre portaria ilegal do MAPA

Em julho passado, a FAEP entrou com pedido de liminar em mandado de segurança no Superior Tribunal da Justiça (STJ) contra a portaria assinada pelo ministro da Agricultura, Wagner Rossi, que reduziu em 10% o preço mínimo do trigo. O principal argumento utilizado pelos advogados da FAEP contra a decisão arbitrária e ilegal do Ministério da Agricultura, foi o fato que, de acordo com a lei, os preços mínimos são definidos pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e publicados pelo próprio Ministério “com antecedência de no mínimo 60 (sessenta) dias do início das épocas do plantio”. Ressalte-se que, quando da edição da portaria, 90% do plantio de trigo no Paraná já estava concluído.

No último dia 9, o ministro Herman Benjamin, relator do pedido, indeferiu a liminar. Entre seus argumentos, o ministro alegou que “o simples fato de a Portaria não ter sido editada na época em que normalmente o governo a expede não acarreta por si só a nulidade sustentada, mas sim mera irregularidade, cujo atraso se justifica razoavelmente em detrimento das modificações na situação da crise mundial dos insumos, fato esse que é incontroverso e independe de provas nos autos”.

Sobre essa decisão, a Federação da Agricultura do Estado do Paraná se posiciona da seguinte forma, segundo seu assessor jurídico, Klauss Kuhnen:

1 Não concorda com a linha adotada pelo Ministro Hermann Benjamin, que classifica a preocupação dos produtores como “mera especulação comercial” pelo simples fato de ainda não ter havido a colheita. A colheita é um dos últimos estágios do sistema produtivo, sistema esse que se inicia em momento anterior, quando o produtor planeja o que e quanto plantar, levando em conta, dentre outros fatores, os preços mínimos adotados pelo Governo Federal.

2 Não entende correto que o produtor tenha que ser primeiramente prejudicado pelas atitudes temerárias do Governo para, somente então, buscar o ressarcimento dos prejuízos. É dever do Poder Judiciário impedir que isso ocorra, principalmente quando se está fartamente demonstrada a ilegalidade da decisão governamental, como é o caso da redução ilegal do preço mínimo do trigo.

3 A ilegalidade da Portaria que reduziu os preços mínimos está devidamente comprovada, pois foi editada em desrespeito à legislação de regência da PNPM. Não existe necessidade de produção de outras provas. A decisão do Ministro Hermann Benjamin desvia-se do foco principal da demanda, ao atender reclamos do Governo e do Ministério Público Federal sobre questões que sequer foram objeto do pedido feito pela FAEP.

4 A FAEP considera também equivocada a alegação de que deveria ter sido incluído no processo o Conselho Monetário Nacional. O Mandado de Segurança visa atacar ato que prejudique direito líquido e certo. O ato em questão é a Portaria que reduziu os preços mínimos do trigo, e foi editado com exclusividade pelo Ministro da Agricultura.

5 Por fim, a FAEP esclarece aos produtores que recorreu da decisão contrária aos seus interesses.

Arquivo

“ De acordo com a lei, os preços mínimos são definidos pelo CMN e publicados pelo próprio Ministério ‘com antecedência de no mínimo 60 dias do início das épocas do plantio’ ”

O caminho da volta

SENAR-PR forma primeira turma por competência em bovinocultura

Foram quase cinquenta semanas, todas as sextas-feiras, em aulas teóricas e práticas com produtores da região de Francisco Beltrão, no sudoeste paranaense. Nesse período o SENAR-PR capacitou a primeira turma do Brasil em formação por competência em bovinocultura de leite em aulas teóricas e práticas no módulo de Tratador. A continuidade prevê ainda dois módulos: de ordenhador, que trata a qualidade e ordenha, e de gerente, específica para a administração da propriedade.

Outros sindicatos já demonstraram interesse nessa primeira etapa do curso que, após avaliação do projeto piloto de Beltrão, poderá ser integrado na grade de cursos oferecidos pelo SENAR-PR. O grupo iniciou com 23 participantes e foi se adequando durante o processo, finalizando com 13 produtores. Foram convidados técnicos, cooperativas e pessoas que saíram do campo para a cidade. “O projeto foi iniciado pelo SENAR nacional em parceria com outras regionais. No Paraná, primeiro discutimos o perfil profissional e o que o mercado espera do produtor de leite”, explica o técnico do SENAR-PR, Alexandre Lobo Blanco.

Transformação

“O curso foi uma transformação e a primeira mudança ocorreu na forma de ver a propriedade, passei a olhá-la como uma empresa rural”, diz Raquel Santos Camargo que esteve com os colegas de turma na sede do SENAR-PR em Curitiba, relatando sua experiência durante reunião do Conleite, no dia 14 de setembro. Aos 27 anos, ela cuida dos 20 hectares da família em Francisco Beltrão, função que não acreditava ser possível antes do curso. “A preocupação da família era quem substituiria meu pai. Nem ele nem eu sentíamos segurança. Hoje me sinto uma profissional no que faço e preparada para a sucessão”, afirma. É com essa visão o depoimento de Marcos Bortolini, 28 anos, nascido e criado na roça. Em busca de uma oportunidade veio tentar a sorte como jogador de futebol em Curitiba. Não deu certo e retornou a Francisco Beltrão. Na propriedade de 47 hectares desistiu de produzir de tudo um pouco e passou a se dedicar à pecuária leiteira. “Quero que meu filho possa criar seus filhos na propriedade, que meu pai criou. Tem propriedades fechando porque não tem mão-de-obra qualificada. Quero que a minha não termine”. Quatro instrutores das atividades de leite foram preparados pelo SENAR-PR para a aplicação do curso. Entre eles, Abílio Galvão Trindade Ferreira. “É um curso que não é engessado. Ele reúne teoria e prática. Todas as propriedades foram visitadas e realizamos em grupo um diagnóstico de cada uma delas em busca do que poderia ser corrigido e melhorado”.

Os depoimentos dos produtores sensibilizaram os componentes do Conleite, durante a reunião na sede da FAEP, em Curitiba. “Fiquei emocionado ao ver gente voltando para a propriedade. Muitas vezes os cursos eram dados em sala de aula e este modelo de curso com práti-



ACIMA: Raquel Santos Camargo e Marcos Bortolini. ABAIXO: Jan Ubel Van Der Vinne

ca é o que a gente prega. Acho que isso deixou todos animados”, avaliou o vice-presidente da Comissão Técnica do Leite da FAEP, Jan Ubel Van Der Vinne.

Exemplo desse comportamento é o de Maciel Camunelli, 28 anos, que retornou à propriedade após oito anos como técnico em agropecuária em laticínios. Durante o curso ele percebeu que os produtores da região estão limitados em função das propriedades serem na maioria de médio e pequeno porte. Diante da necessidade local ele percebeu a oportunidade de um centro de criação de bezerros e está investindo no negócio em par-



Fotos: Alexandre Fernandes



Maciel Camunelli

ceria com um colega. “Eu não teria voltado à propriedade sem este curso. A visão era outra, a de sair. Agora, vejo na atividade uma oportunidade”. A ideia é receber o bezerro do produtor com 5 a 10 dias e devolvê-lo com 6 a 7 meses, cobrando uma mensalidade pelo período. Só pelo interesse já demonstrado temos em torno de 300 a 400 bezerras”, comemora.

A bovinocultura de leite foi a atividade escolhida para dar início aos trabalhos por ser uma cadeia importante para o agronegócio paranaense. Além disso, está presente nos diversos tamanhos de propriedade e se apresenta como alternativa viável e lucrativa para muitos produtores.

O jeito é confiar em São Pedro

E seguir o conselho da Embrapa: escalonar o plantio

Olhos no céu, ouvidos nas poderosas ondas das emissoras de rádio de todo o interior do Estado, e todos na esperança de que as nuvens escuras reapareçam e o noticiário meteorológico anuncie chuvas, por menor que seja. O cenário de expectativa se espalha não só pelo Paraná, mas por todo o País, inclusive na Amazônia. Desde o dia 20 de agosto, quando o zoneamento agrícola abriu o plantio de milho e feijão, os produtores não tiveram dúvidas e semearam a terra. Na visão deles, com o plantio antecipado, se evitaria a estiagem aguardada para dezembro, mas o fenômeno “La Niña”, que já entrou no vocabulário dos produtores como sinônimo de tragédia, alterou a meteorologia. “O milho está germinando e morrendo por falta de água, e, além disso, está ventando muito o que aumenta a secura da terra”, conta Jacir José Dariva, um gaúcho de Paim Filho e dono de 80 alqueires em Tapejara do Oeste.

As primeiras chuvas eram esperadas para o dia 22 de agosto, depois dia 28 e o último anúncio foi dia 13 de setembro de apenas 10mm, “mas que fez meia volta na fronteira com a Argentina”. O jeito é confiar em São Pedro e manter os ouvidos no rádio.

Escalonar o plantio

A ocorrência do fenômeno La Niña - que prevê chuvas irregulares e abaixo da média - já aponta para maior risco na atividade agrícola para as culturas de verão. Segundo a pesquisadora da Embrapa Soja, Divania de Lima, no caso da soja, a redução de produtividade será mais expressiva se o déficit hídrico ocorrer em períodos críticos da cultura, como na emergência das plântulas ou na floração/enchimento de grãos.

Para minimizar os riscos de perda de produtividade, a pesquisadora orienta os produtores a adotar práticas como o escalonamento de épocas de semeadura, aliada a utilização de cultivares de diferentes ciclo de maturação. “Utilizando essas práticas o produtor terá num mesmo período lavou- ras em diferentes estádios de desenvolvimento, evitando assim que o déficit hídrico atinja toda a lavoura em fases críticas de desenvolvimento, como por exemplo, no enchimento de grãos”, explica a pesquisadora Divania.



* PERFIL

Vagner (na foto, com a esposa Lucine Bornancin Barausse), que hoje está com 31 anos, é formado no curso técnico em agropecuária, mas acredita que sua vocação é a de administrar. “Não gosto de ficar sentado, prefiro fazer, mas administrando ao mesmo tempo”, conta. E saber administrar é bem importante para todas as atividades que desempenha: é presidente do sindicato, agricultor e comerciante. Além de pai e esposo. “Não tenho rotina fixa, mas procuro organizar as atividades para ter tempo de fazer tudo, até mesmo nas atividades de lazer”, ressalta. Vagner cultiva soja, milho e cevada em sua propriedade e cuida da loja de adubos e fertilizantes da família.



Em Palmeira, uma gestão moderna

Em cinco anos de mandato, o presidente do Sindicato de Palmeira, Vagner Barausse, quintuplicou o número de associados

Desde que assumiu a presidência do Sindicato Rural de Palmeira, Vagner Augusto Barausse, só tem acumulado bons resultados. Em cinco anos de mandato conseguiu ampliar o número de associados de 34 para 186 - bem próximo à meta de 200 sócios, fixada no início da gestão e que deve ser cumprida até este ano. Ações que trouxessem benefícios diretos aos produtores também foram implantadas.

Focado em realizar uma gestão moderna e atuante, Vagner contou com a ajuda de uma diretoria dinâmica, como ele mesmo define. “O que contribuiu, e muito, para colocar em prática as ações planejadas”, reconhece. Entre elas, uma carteirinha para os associados que dá descontos em diversos segmentos. Já são 49 empresas conveniadas na cidade. Há mercados, postos de gasolina, médicos, laboratórios de análises, lojas de equipamentos, facultades. Os descontos variam de 3% a 20%. Ainda há um plano de telefonia móvel para os associados, em que o gerenciamento é feito pelo sindicato.

O prédio também ganhou cara nova. Teve reformas em toda a estrutura, desde a área da recepção, passando pela cozinha, banheiros, até as salas onde acontecem as aulas dos cursos do SENAR-PR. O sindicato também aluga alguns espaços para o funcionamento de órgãos públicos diretamente ligados à classe rural. “As ideias surgem do contato direto com os produtores”, explica Barausse.

A ampliação do atendimento em Porto Amazonas e na Colônia Witmarsum é a mais recente conquista. Um posto do sindicato foi estruturado na colônia numa parceria com a Cooperativa Mista Agropecuária Witmarsum Ltda. Serviços como ITR (Declaração do Imposto Territorial Rural), CCIR (Emissão de Certificado Rural), contratos, ADA (Ato Declaratório Ambiental), entre outros, podem ser feitos no posto de atendimento da colônia.

Com quatro funcionários e uma diretoria composta por 14 membros, o sindicato está bem estruturado e organizado. Vagner comemora os resultados: “Quando assumi tive que aprender como funcionava um sindicato. Ver a entidade como está hoje, com o nome forte, reconhecido na sociedade e em excelentes condições financeiras, é uma verdadeira satisfação”, diz ele, “a renovação, sem dúvida, foi fator determinante para o sucesso”, conclui.



**Ronaldo,
eu tenho!"**

BARRIGA,
atacante do
Combate
Barreirinha



bado

começa a sorrir; o GABA (ácido gama-aminobutírico), que provoca o mal-estar; em seguida a dopamina que retira a coordenação motora. Dessa confusão sobra a ressaca.



Que bonitinho!

» Desde o nascimento, as raízes dos dentes de leite e dos dentes definitivos estão dentro das gengivas. Os dentes de leite nascem entre os 6 meses e os 2 anos de idade. Perto dos 6 anos, as raízes dos dentes definitivos se desenvolvem e os dentes de leite caem para dar lugar a eles.



Mais lento

» A **PREGUIÇA**, espécie típica da Amazônia, tem o cérebro do tamanho de uma azeitona. Proporcionalmente ao tamanho do corpo, é um dos animais com o menor cérebro em todo o mundo. Explicação dos zoólogos: como se alimenta só de folhas, ela não precisaria de mais que isso para encontrar comida. A preguiça de três dedos desenvolve uma velocidade média de 1,8 a 2,4 m/min (0,1-0,6 Km/h). Porém, sobre as árvores, pode "acelerar" para 4,6 m/min (0,27 Km/h). Tem uns "preguiças" com dez dedos que não alcançam essa velocidade, talvez seja também o tamanho da azeitona no quengo!

MOSAICO

Boçais

» O termo "boçal" surgiu na época da escravidão classificando o africano que recusava a integração e falar o português, em oposição ao "ladino" (escravo integrado) e ao "crioulo" (negro ou mulato nascido no Brasil).

Fiação

» Na década de 1950, os carros tinham em média cinquenta fios e hoje têm 1.100 fios, totalizando 2 quilômetros de fiação dentro de um único automóvel.

Vogais

» Piauiense é a palavra com mais vogais juntas do nosso idioma.

Palíndromo

» Anilina, arara e a frase "a droga da gorda" são exemplos de palíndromos, podem ser lidas da direita para a esquerda e vice-versa. Palíndromo vem do grego "palin" (para trás) e dromos (corrida, pista).

Borrachudos

» Na próxima hora 22.000 cheques serão debitados em contas bancárias erradas. Cuide-se.

Constatações

- » O brasileiro no trânsito é omissivo. Até na hora de ser atropelado tenta tirar o corpo fora.
- » Quem ri por último é retardado.
- » Quem não deve, não deve.
- » Depois da tempestade, vem a gripe.

BEM NA FOTO

Os depressivos

» Todos os dias, ao alvorecer, **TOBIAS**, um jovem pardal bate suas asinhas e pousa sobre a pata de **WANDERCLEY**, um simpático golden retriever, numa

fazenda em Patos de Minas. O diálogo entre ambos é surpreendente:

- Tobias, estou levando uma vida de cachorro, entrei em depressão, disse Wanderley.

- O que é isso Wan, deprê estou eu. Os humanos dizem que pardal tem em todo canto, não serve pra nada; é barulhento; só anda em bando e ainda faz cocô o tempo todo.



GENTE FALSA 14



ITR e ADA

O Sindicato Rural de Cianorte e a FAEP realizaram palestra sobre o preenchimento correto do Imposto Territorial Rural (ITR) e Ato Declaratório Ambiental (ADA), no último dia 25 de agosto. A palestra foi direcionada a profissionais contábeis e dos Sindicatos da região. O técnico do Departamento Sindical da FAEP, Luiz Antônio Finco, orientou os participantes sobre as normas técnicas e os procedimentos legais quanto ao preenchimento do ITR e ADA junto à Secretaria da Receita Federal. O prazo de entrega dos dois instrumentos foi iniciado dia 1º de setembro e se encerra em 30 de setembro.

Fotos: Divulgação



Visita

O superintendente do SENAR-PR, Ronei Volpi, e o supervisor do SENAR-PR, Luiz Angelo Fillus, com diretores do Sindicato Rural de Palotina durante visita a sede do sindicato, dia 29 de julho.



Ensinando a pescar

Nos dias 16 e 17 de agosto, foi realizado na sede do Sindicato Rural de Palotina o curso Trabalhador na Piscicultura. Qualificação, visão empresarial, sistema de cultivo, comercialização entre outros, foram os temas abordados pelo instrutor do SENAR-PR, Ricardo Pedroso de Almeida. O curso teve duração de 16 horas e foi uma realização do Sindicato Rural de Palotina, SENAR-PR e Cooperativa C. Vale.

Espaço para cursos

Desde junho passado, o Sindicato Rural de Ortigueira dispõe de um espaço para a realização de cursos do SENAR-PR, chamado Centro de Treinamento João de Deus Flores de Paula. O Auditório com 56 lugares e uma cozinha para cursos de produção de alimentos, foi inaugurado após a reforma da sede do sindicato. O evento de inauguração contou com a presença do presidente do Sistema FAEP, Ágide Meneguette, o superintendente do SENAR-PR, Ronei Volpi e o diretor financeiro da FAEP, João Luiz Rodrigues Biscaia.

QUEDAS DO IGUAÇU

No caminho do empreendedorismo

Em 15 de agosto, aconteceu o encerramento do curso Mulher Atual da turma de Quedas do Iguaçu. O curso realizado pelo Sindicato Rural e SENAR-PR, teve o objetivo de despertar o empreendedorismo e a consciência sobre o papel da mulher na sociedade. Os conteúdos foram abordados e orientados pela instrutora do SENAR-PR, Sandra Cardoso Dias, envolvendo auto-estima, percepção de si, comunicação, família, direitos sociais e cidadania. O Sindicato Rural já agendou para o dia 14 de setembro o início de mais uma turma do Mulher Atual no município.



Corte de cana-de-açúcar

O Sindicato Rural de Paraíso do Norte, em parceria com o SENAR-PR e usina COOPCANA, realizou no dia 26 de agosto o curso de corte avançado para cortadores de cana da usina. Foi ministrado pelo instrutor do SENAR-PR, Luiz Paulo Corso, que utilizou diversos recursos instrucionais e ludo pedagógicos com o objetivo de promover a capacitação entre os colaboradores da empresa.



ERRATA O orientador do curso de Administração Rural, em Quedas do Iguaçu, de 2 a 11 de agosto, foi o instrutor do SENAR-PR, Sandro Pio Passarin. Equivocadamente, no Boletim 1111, seu nome foi grafado como "Silvio".

Casa em Ordem

O Sindicato Rural de Assis Chateaubriand e a FAEP realizaram no dia 24 de agosto uma palestra do Programa Casa em Ordem. Além dos produtores rurais, estiveram presentes participantes do Programa Empreendedor Rural. Uma radiografia da legislação que deve ser cumprida foi analisada, servindo como conhecimento e alerta aos produtores.



Mulheres de atitude

A Comissão de Mulheres do Sindicato Rural de São João vem realizando reuniões, palestras de motivação e cursos do SENAR-PR. Em 6 de agosto foi realizado o II Encontro de Mulheres sob o tema "Sucesso é ser Mulher", com a presença de mais de 180 agricultoras, no auditório Sicredi Iguaçu. O presidente do Sindicato, Arceny Bocalon, fez abertura do encontro e agradeceu aos parceiros: Sistema FAEP, Banco Sicredi e Cooperativa Agroindustrial.



Solidariedade no JAA

A turma do curso Jovem Agricultor Aprendiz (JAA), de São João do Caiuá, arrecadou alimentos e materiais de higiene para famílias carentes no município. Orientados pela instrutora do SENAR-PR, Marlene de Fátima Calzavara, os jovens separaram os produtos arrecadados em cestas e fizeram pessoalmente a entrega no último dia 19 de agosto.



» Sugestões e informações sobre cursos, favor enviar para imprensa@faep.com.br

Socialização da responsabilidade ambiental

por Demerval Silvestre *

O atual Código Florestal Brasileiro precisa urgentemente de um ajuste, para corrigir distorções que expõe o produtor rural brasileiro como único responsável pelo meio ambiente, quando na verdade a responsabilidade é todos. Uma legislação que individualiza a responsabilidade ambiental para benefício coletivo, é no mínimo preconceituosa, por discriminar o homem do campo, rotulando-o como devastador de florestas. Na verdade, esses brasileiros devem ser lembrados como heróis, por transformarem o Brasil num importante país produtor de alimentos, ou seja, como merecem o respeito da nação.

Num passado não muito distante, programas de governo impunham ao homem do campo a obrigatoriedade de substituir a floresta por lavouras ou pastagens. Para o governo o progresso deveria vir a qualquer custo, cabendo ao produtor rural a responsabilidade de cumprir normas que representassem o progresso, do contrário sofreria consequências, tendo suas terras com mata em pé taxadas, por serem consideradas improdutivas, além de não receberem títulos definitivos da posse.

Se houve excessos por parte dos produtores, a culpa foi de governos da época, que ordenavam o desmate sem orientação técnica para fazê-lo de forma sustentável, como sugere o Código Florestal brasileiro em discussão no Congresso Nacional. A comissão de Meio Ambiente da Câmara Federal, representada pelos deputados Moacir Micheletto e Aldo Rebelo, presidente e relator respectivamente, devem ter o apoio da nação. O empenho de ambos no trabalho de realizar audiências públicas em

várias regiões do Brasil, com participação de toda a sociedade civil, mostra a seriedade desses parlamentares com o meio ambiente. Enquanto não houver uma legislação que contemple o produtor por preservar a mata em pé, qualquer iniciativa de reflorestamento com mata nativa é utopia, devido ao alto custo de implantação.



* DEMERVAL SILVESTRE é gestor ambiental e especialista em APPA



CONTROLE

Termina o vazio sanitário

Produtores já podem iniciar o plantio de soja no Paraná

O vazio sanitário - que é o período estabelecido com a ausência total de plantas vivas de soja - terminou no Paraná, no última quarta-feira (15), depois de três meses de vigência. A medida visa reduzir a incidência de focos de ferrugem asiática - doença fúngica que provoca a redução da produtividade da lavoura se não for controlada.

Segundo a Secretaria da Agricultura e do Abastecimento, a partir daquela data o produtor poderá voltar a plantar soja em todo o Estado, devendo sempre seguir as recomendações de época de plantio para cada região.

O Paraná foi o Estado que registrou menor índice de ocorrência de focos iniciais de ferrugem da soja na última safra (2009/10), comparativamente a outros Estados.

Segundo a engenheira agrônoma Maria Celeste Marcondes, responsável pela condução do vazio sanitário no Paraná, no site do Consórcio



CARTA

O Sindicato Rural de Bituruna vem agradecer a FAEP e ao departamento Sindical pela palestra proferida pelos profissionais Eleutério Czornei e Levy de Oliveira no dia 24/08/2010. Os assuntos foram sobre aposentadoria rural e NR31. O público de mais de 240 participantes foi formado por produtores rurais, empresários e estudantes.

Israel Júlio Doro, presidente

ERRATA 1

A Prefeitura de Cruzeiro do Oeste, no noroeste do Estado, informa que também possui legislação municipal para a erradicação da murta (pg. 9, do BI 1112). Ela vigora desde 28.12.2008.

Antiferrugem consta que o Paraná registrou 265 focos iniciais nos meses de novembro a março de 2010. Nesse mesmo período, o Estado do Mato Grosso do Sul registrou 333 focos; o Rio Grande do Sul 405 focos; Goiás 501 focos e Mato Grosso, 624 focos.

El Niño

De acordo com Maria Celeste, o número de focos em todo o País foi significativo, mas deve ser levado em consideração que a safra de soja 2009/10 teve influência direta da corrente climática El Niño, caracterizada pelo aumento das chuvas cuja umidade favorece o desenvolvimento e proliferação do fungo que causa a doença ferrugem asiática.

Se por um lado o aumento das chuvas provoca maior disseminação do fungo, por outro lado favoreceu ao Paraná alcançar as maiores médias comparativas de produtividade obtidas com as cultivares de soja plantadas até 25 de outubro (2009). Com isso foi possível atingir uma safra recorde de 14 milhões de toneladas de soja no Estado com médias de produtividade de 3.180 quilos por hectare, segundo o Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria da Agricultura.

A expectativa agora é que o vazio sanitário consiga retardar ao máximo a incidência de focos da ferrugem asiática durante a próxima safra (2009/10).

(Com Agência Estadual de Notícias)



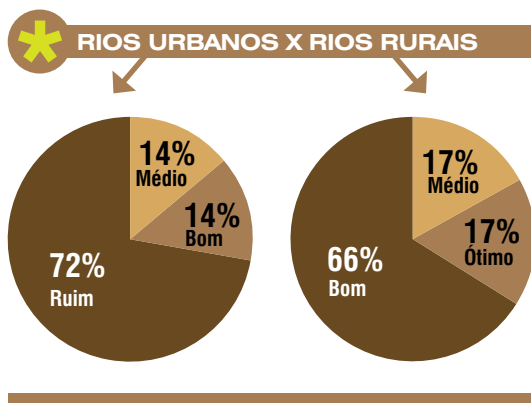
Arquivo



ERRATA 2

O gráfico da pg. 5, do BI 1112, contém incorreções. Em vez de 66% dos rios urbanos “são pobres”, o correto é que eles “são bons”. E 17% em vez de “bons”, são “ótimos”.

Ao lado, o gráfico correto.



Todas as carnes são de primeira

» A famosa rede de restaurantes Outback tem muitos motivos para gostar do Brasil. Na verdade ela tem oito ótimos motivos. Das 10 lojas que mais faturam no mundo oito estão aqui. A rede é conhecida pela qualidade superior das carnes do seu cardápio. Eu já sou freguês!

Preços cada vez melhores

» O mercado do boi gordo está agitado. Os preços não param de subir no mercado futuro. E a Assocon (Associação Brasileira dos Confinadores) revisou o volume de animais confinados nesta safra e aponta redução de 30% no ciclo de 2010. Há quem diga que a arroba chega aos R\$ 100,00, fácil, fácil. Será?

E os russos dão uma aliviada

» Rússia liberou 25 das 26 plantas avícolas presentes nos Estados Unidos. Um alívio para os produtores americanos. A Rússia era o maior mercado de exportação de frango dos EUA antes do embargo imposto em janeiro deste ano. Os russos são contra a utilização de cloro durante o processamento das aves para eliminar agentes patogênicos que podem causar intoxicação alimentar.

Assim também num dá!

» Mais uma campanha sem vergonha combate o consumo de carne. Financiado pelo Comitê de Médicos para uma Medicina Responsável (PCRM, na sigla em inglês). O vídeo mostra um homem de meia idade, com excesso de peso, deitado sobre um leito de necrotério. Na mão esquerda, o “recém falecido” ainda segura um hambúrguer parcialmente mordido. No final do vídeo aparece a logomarca do McDonald’s e o slogan da campanha pedindo para que os telespectadores optem pelo vegetarianismo. Tudo bem que o McDonald’s não é santo, mas forçar a barra assim é demais.

Mais um pra concorrer!

Consumo de peixe aumenta 40% e país já precisa importar. O país já está importando mais de 200 mil toneladas ao ano, principalmente de peixes como salmão e bacalhau. Nos últimos oito anos, o consumo anual por pessoa cresceu quase 40%, saindo de 6,5 quilos (kg) em 2003 para 9 kg este ano. Por conta do aumento da demanda, 20% do consumo interno são atendidos pelas importações.

» **SUGESTÕES E COMENTÁRIOS:**
fabricio.monteiro@faep.com.br

Um ano com o “Sindicão”

O sucesso do jornal virtual que facilita a vida dos Sindicatos e produtores



Fernando dos Santos

Um mascote que consegue ouvir quatro vezes mais que os humanos, fareja e enxerga longe e ainda por cima é símbolo de lealdade e amizade. Esta é a descrição do ‘Sindicão’ o personagem do jornal virtual criado há um ano pelo Departamento Sindical da FAEP. Além de ser mascote do jornal, o ‘Sindicão’ anima os treinamentos, que acontecem duas vezes por ano, com os novos funcionários do Sindicato Rural. O trabalho é coordenado pelo advogado Eleutério Czornei. “Com ele conseguimos criar um elo de comunicação direta com os funcionários”, completa.

O jornal virtual é produzido quinzenalmente e leva informações técnicas, atualização de leis, dicas para agilizar os processos burocráticos internos e orientações sobre segurança. “Com o Sindicão conseguimos repassar informações importantes sobre como evitar e prevenir golpes contra os sindicatos e os produtores rurais”, explica Norton Rodrigues, assistente técnico do Departamento Sindical.

Unanimidade

O Sindicão é realmente uma unanimidade em aceitação como conta Marina Ribeiro Rocha, gestora sindical em Japurá. “Nós recebemos informações que nos ajudam no trabalho de atendimento e assessoramento aos produtores rurais. Tenho um arquivo de todas as edições do ‘Sindicão’, com dados importantes sobre legislação que não podem ser perdidos. É sempre bom poder ter uma fonte confiável de consulta”, conta. Para Marina o cãozinho transforma os treinamentos deixando-os mais agradáveis. “Fiz minha oficina há cinco anos, mas consegui fixar conteúdos sobre o Estatuto graças à animação do personagem, ele é uma graça”, diz.

As oficinas sindicais acontecem sempre em Curitiba com grupos de 30 pessoas. O jornal virtual também orienta os gestores sindicais com informações sobre o processo eleitoral nos sindicatos - datas, elaboração de atas, votação etc. Um dos grandes apoiadores do ‘Sindicão’, que esteve presente a festa de comemoração do primeiro ano do jornal virtual, o assessor da presidência do Sistema FAEP, Carlos Augusto C. Albuquerque resumiu o significado do personagem “ele representa muito bem o espírito que esta casa tem em relação a seus funcionários e aos sindicatos - a criatividade e a união”.



Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
Cep 80010-010 | Curitiba - Paraná
Fone: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124
email: faep@faep.com.br | site: www.faep.com.br

Presidente
Ágide Meneguette

Vice-Presidentes
Moacir Micheletto (licenciado)
Guerino Guandalini
Nelson Teodoro de Oliveira
Francisco Carlos do Nascimento
Ivo Polo
Ivo Pierin Júnior

Diretores Secretários
Livaldo Gemin
Pedro Paulo de Mello

Diretores Financeiros
João Luiz Rodrigues Biscaia
Paulo José Buso Júnior

Conselho Fiscal
Sebastião Olímpio Santoroza
Luiz de Oliveira Netto
Lauro Lopes

Delegados Representantes
Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia,
Francisco Carlos do Nascimento, Renato Antônio Fontana



SENAR - Administração Regional do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 16º andar
Cep 80010-010 | Curitiba - Paraná
Fone: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779
e-mail: senarpr@senarpr.org.br | site: www.senarpr.org.br

Conselho Administrativo
Presidente
Ágide Meneguette - FAEP

Membros Efetivos
Ademir Mueller - FETAEP
Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC
Darci Piana - FECOMÉRCIO
Wilson Thiesen - OCEPAR

Conselho Fiscal | Membros Efetivos
Sebastião Olímpio Santoroza
Luiz de Oliveira Netto
Jairo Correa de Almeida

Superintendência
Ronei Volpi

BOLETIM informativo

Cynthia Calderon (Cordenadora de Comunicação Social)
Christiane Kremer (redatora) | Hemely Cardoso (redatora)
Kátia Santos (redatora)

e-mail: imprensa@faep.com.br

Diagramação e projeto gráfico
Simon Taylor | Ctrl S Comunicação | www.ctrlscomunicacao.com.br

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR
Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Conselho paritário produtores/indústrias de leite do estado do Paraná | CONSELEITE-Paraná

RESOLUÇÃO Nº 09/2010

A diretoria do Conseleite-Paraná reunida no dia 14 de setembro de 2010 na sede da FAEP, na cidade de Curitiba, atendendo os dispositivos disciplinados no Capítulo II do Título II do seu Regulamento, aprova e divulga o preço de referência realizado em Junho e a projeção do preço de referência para o mês de Setembro de 2010.

O preço de referência final do leite padrão para o mês de Agosto/2010 calculado segundo metodologia definida pelo Conseleite-Paraná a partir dos preços médios e do mix de comercialização do mês, apresentados pela UFPR, bem como o maior e menor valor de referência, de acordo com os parâmetros de ágio e deságio em relação ao Leite Padrão, contido no Anexo I do Regulamento; e o preço projetado de referência do mês de Agosto (contido na Resolução 08/2010 do Conseleite-Paraná) e as diferenças entre estes valores são apresentados a seguir:

VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE) | POSTO PROPRIEDADE* - AGOSTO/2010

MATÉRIA-PRIMA	Valores projetados em 17/agosto/2010	Valores finais Agosto/2010	Diferença (final - projetado)
I - Leite acima do padrão - Maior valor de referência	0,6601	0,6695	- 0,0094
II - Leite Padrão - Preço de referência	0,5740	0,5822	- 0,0082
III - Leite abaixo do padrão - Menor valor de referência	0,5218	0,5293	- 0,0075

(*) Observações:

Os valores de referência da tabela são para a matéria-prima leite "posto propriedade", o que significa que o frete não deve ser descontado do produtor rural. Nos valores de referência está incluída a CESSR (ex-Funrural) de 2,3% a ser descontada do produtor rural.

O preço de referência projetado do leite padrão para o mês de Setembro de 2010, calculado segundo a metodologia definida pelo Conseleite-Paraná a partir dos preços médios e do mix de comercialização do primeiro decêndio de Setembro/2010, apresentados pela UFPR, bem como o maior e menor valor de referência, de acordo com os parâmetros de ágio e deságio em relação ao Leite Padrão contidos no Anexo I do Regulamento, e os valores finais de referência do mês de Agosto/2010, são apresentados a seguir:

VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE) POSTO PROPRIEDADE - AGOSTO/2010 E PROJETADOS PARA SETEMBRO/2010

MATÉRIA-PRIMA	Valores finais Agosto/2010	Valores projetados Agosto/2010	Diferença (Projetado - final)
I - Leite acima do padrão - Maior valor de referência	0,6695	0,6935	- 0,0240
II - Leite Padrão - Preço de referência	0,5822	0,6030	- 0,0208
III - Leite abaixo do padrão - Menor valor de referência	0,5293	0,5482	- 0,0189

(*) Observações:

Os valores de referência da tabela são para a matéria-prima leite "posto propriedade", o que significa que o frete não deve ser descontado do produtor rural. Nos valores de referência está incluída a CESSR (ex-Funrural) de 2,3% a ser descontada do produtor rural.

Para o leite pasteurizado o valor projetado para o mês de Setembro de 2010 é de R\$ 1,2463/litro.

Curitiba, 14 de setembro de 2010.

WILSON THIESEN
Presidente

RONEI VOLPI
Vice-Presidente

Mais informação, mais conhecimento. Agora, muito mais perto de você!

FAEP, SENAR-PR e SINDICATOS RURAIS - agora juntos
acesse: www.sistemafaep.org.br

SISTEMA FAEP

SENAR BURANA | FAEP | SINDICATOS RURAIS

Bem vindo ao novo Portal do Sistema FAEP!

Menu

- Blog
- Boletim informativo
- Boletim diário
- Cursos do Senar
- Galeria de fotos
- Vídeos
- Linha
- Notícias
- Cotações
- Palestras
- Rádio
- Serviços
- Palavra do presidente
- Fale conosco

Notícias

Governo quer quintuplicar o seguro rural em dez anos, prazo considerado muito longo pela FAEP

31/08/2010 Na Argentina, cultivo de trigo pode avançar 21% neste ciclo

30/08/2010 'Pacote' para alongar ciclo de produção de estrangeiros

21/08/2010 Recuo na saída de grãos

30/08/2010 FAEP pede solução para comercialização do milho

27/08/2010 Cai inadimplência do agr

Cotações

Produto	Preço
Café (PR) - sc 50kg	R\$ 300,00
Café (PR) - sc 50kg	R\$ 300,00
Café (PR) - sc 50kg	R\$ 300,00
Café (PR) - sc 50kg	R\$ 300,00
Café (PR) - sc 50kg	R\$ 300,00

Áudios

13/08/2010 A FAEP acaba de lançar uma cartilha de orientação sobre como funciona o...

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14o andar
Cep 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- Mudou-se
- Falecido
- Desconhecido
- Ausente
- Recusado
- Não procurado
- Endereço insuficiente
- Não existe o nº indicado
- Informação dada pelo porteiro ou síndico

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___

Em ___/___/___

Responsável